

IVONE DE MEIRA NONATO

**DA AGRESSIVIDADE AO ENTENDIMENTO:
OS BENEFÍCIOS DA PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL EM UM
CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIAL**

CURITIBA
2020

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo analisar quais os benefícios da psicomotricidade relacional para crianças que vivem em situação de vulnerabilidade social. Famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social estão mais suscetíveis a sofrer danos, devido à dificuldade de acesso a recursos que promovam o bem estar, bem como, a sofrerem prejuízos relacionados a formação e manutenção de vínculos afetivos e familiares. Crianças que vivem neste contexto tendem a perpetuar esta realidade, portanto, se faz necessário um olhar atento à esta realidade, e em especial a infância, oferecendo recursos para que estas possam se fortalecer e buscar a superação destas dificuldades. Neste sentido, a psicomotricidade relacional apresenta-se como uma ferramenta que pode beneficiar este sujeito, pois atua à nível biopsicossocial, promovendo a superação de conflitos relacionais, contribuindo para um estado de bem estar geral.

Palavras-chave: infância; vulnerabilidade social; psicomotricidade relacional

Abstract

This study aimed to analyze the benefits of relational psychomotricity for children who live in a situation of social vulnerability. Families who live in a situation of social vulnerability are more susceptible to suffering damage, due to the difficulty of accessing resources that promote well-being, as well as to suffer losses related to the formation and maintenance of affective and family bonds. Children who live in this context tend to perpetuate this reality, therefore, it is necessary to look closely at this reality, and especially childhood, offering resources so that they can strengthen themselves and seek to overcome these difficulties. In this sense, relational psychomotricity presents itself as a tool that can benefit this subject, as it acts at the biopsychosocial level, promoting the overcoming of relational conflicts, contributing to a general state of well-being.

Keywords: childhood; social vulnerability; relational psychomotricity

1. Introdução

Pessoas em situação de vulnerabilidade social, são aquelas que estão mais suscetíveis a sofrer danos, devido a sua condição social e falta de acesso às estruturas básicas para manutenção do bem estar. Este termo passou a ser utilizado com o propósito de ampliar a visão acerca das desigualdades sociais para além da questão monetária (SCOTT; PROLA; SIQUEIRA; PEREIRA, 2018)

Autores como Martins (2004), Bomtempo e Conceição (2014), afirmam

que famílias em situação de vulnerabilidade social, apresentam maiores riscos quanto a fragilização de vínculos afetivos e familiares, que podem vir a causar um prejuízo no desenvolvimento de crianças que pertencem a núcleos familiares nestas condições.

Portanto, faz-se necessário um olhar atento dos diversos setores da sociedade à estas famílias e crianças, para que, respeitando as individualidades de cada família, seja possível prover a elas as capacidades necessárias para a superação desta condição, promovendo acesso ao conhecimento, garantia de direitos e intervenções que possam contribuir neste sentido.

No contexto da infância e da adolescência, como afirmam Silva, Costa e Nascimento (2019), a vulnerabilidade social traz um olhar ainda mais preocupante, pois tende a gerar uma falta de perspectiva de vida, contribuindo para a manutenção desta condição. Sendo assim, é de suma importância atentar-se às crianças e pensarmos em estratégias que possam minimizar problemas no desenvolvimento social e psicoafetivo destas.

Dentro desta perspectiva acredita-se que a psicomotricidade relacional apresenta-se como uma metodologia que pode beneficiar estes sujeitos, pois se propõe a atuar nos aspectos biopsicossociais, promovendo um espaço de livre expressão e escuta, por meio da vivência corporal, a fim de superar conflitos relacionais, contribuindo para o bem estar geral.

Sendo assim, este artigo se propõe a analisar quais os benefícios da psicomotricidade relacional para crianças que vivem em um contexto de vulnerabilidade social. As análises foram feitas a partir das vivências realizadas no estágio da formação em psicomotricidade relacional do Ciar- Centro Internacional de Análise Relacional. A prática ocorreu com crianças frequentadoras de uma ONG localizada na região metropolitana de Curitiba-PR.

2. Revisão da Literatura

2.1. Conceituando a vulnerabilidade social

O conceito atual de vulnerabilidade, surgiu na década de 90, na área da saúde, substituindo o termo grupos de risco, dando um enfoque mais amplo a ideia. Este conceito reordenado sobre a vulnerabilidade, atento ao aspecto

social, coletivo, e com enfoque mais contextualizado, influencia, nesta mesma época, a visão da assistência, que inclui o termo social ao conceito de vulnerabilidade, ampliando seus estudos sobre a compreensão do fenômeno e das consequências acerca da pobreza (SCOTT; PROLA; SIQUEIRA; PEREIRA, 2018)

A partir dessa nova visão passou-se a olhar a questão da vulnerabilidade social não apenas do patamar econômico, da questão de renda, mas uma situação social, que se relaciona com todo um processo de constituição de sociedade. A questão da pobreza liga-se a vulnerabilidade social, pois a falta de renda agrava a situação, fazendo com que os sujeitos sejam privados ou tenham ainda mais dificuldade de acesso aos meios de superação das vulnerabilidades, sejam estes meios materiais ou capacidades ligadas ao conhecimento, à autonomia, a liberdade e ao autorrespeito (CARMO; GUIZARDI, 2018).

Não se trata a vulnerabilidade como algo natural do sujeito, mas parte de um contexto e uma condição passível de mudança, mas que muitas vezes só pode acontecer quando sustentada por ações que auxiliem esses sujeitos a adquirir as capacidades necessárias para esta mudança (CARMO; GUIZARDI, 2018).

Entre os fatores que mais afetam as famílias em situação de vulnerabilidade social está a fragilização de vínculos afetivos e relacionais. As capacidades socioemocionais, a auto estima e a valorização própria destes sujeitos são diretamente afetadas pelo ambiente, onde acabam se sentindo desvalorizados e com dificuldade de acreditar em seu potencial. E nestes contextos, as famílias podem apresentar maior dificuldade em prover às crianças o cuidado e proteção instituído a elas (PEREIRA, 2016).

No contexto da infância, segundo Fonseca et al (2013), às questões voltadas para a vulnerabilidade social devem ser especialmente observadas, visto que, por serem dependentes dos adultos, são ainda mais suscetíveis aos riscos que os ambientes físico e social oferecem. Os riscos à essa população podem envolver inclusive aspectos psicológicos, sociais e mentais.

As relações nesses espaços tendem a ser mais impessoais, os cuidados às crianças podem encontrar-se deslocados para sua própria responsabilidade,

além de muitas vezes serem responsáveis pelo cuidado de seus irmãos menores, e estes aspectos influenciam diretamente no desenvolvimento infantil, pois podem vir a ter que suportar uma carga maior do que estão preparados para vivenciar nesta etapa da vida (MARTINS, 2004).

Visto que, são muitos os riscos para o desenvolvimento da criança que vive em situação de vulnerabilidade social, é essencial buscar intervenções capazes de minimizar essas consequências, e a psicomotricidade relacional, por promover um espaço de expressão das demandas relacionais e afetivas, pode contribuir neste contexto.

2.3 A psicomotricidade relacional

É uma prática que permite à criança, ao jovem e ao adulto, a expressão e superação de conflitos relacionais, interferindo de forma clara, preventiva e terapêutica, no processo de desenvolvimento cognitivo, psicomotor e sócio emocional. Estes aspectos de desenvolvimento estão diretamente vinculados à fatores psicoafetivos relacionais destas pessoas (VIEIRA, BATISTA E LAPIERRE, 2013, p. 32).

A psicomotricidade relacional, tem como pilares de sua intervenção, a comunicação corporal, o brincar espontâneo e o jogo simbólico. Durante as sessões, são utilizados materiais que permitem ao participante criar, construir, manipular, expressar e manifestar seus sentimentos por meio da forma como os utiliza, além de servirem como mediadores na comunicação entre o participante e o psicomotricista relacional e entre o grupo (GUERRA, 2014).

No *setting* da psicomotricidade relacional, afirmam Vieira, Batista e Lapierre (2013), o brincar espontâneo e o prazer de brincar, por meio da vivência corporal, são utilizados como meio para que os dizeres conscientes e inconscientes possam ser expressados sem censura, esses dizeres manifestam nossas relações com o prazer e o desprazer, com as regras, com os limites, com o desejo, com a interação, com a liberdade e com a agressividade.

Como meio para a expressão, a psicomotricidade relacional utiliza-se de uma abordagem corporal, pois segundo Lapierre e Aucouturier (1984), esta é a mais profunda das comunicações, e é somente por meio dela que é possível

acessar as estruturas originais da personalidade.

A comunicação corporal é carregada de valores e componentes emocionais. O gesto, o olhar, o tônus muscular, não são apenas estímulos nervosos, mas a expressão de nosso imaginário, consciente e inconsciente. É uma comunicação arcaica, pois relembra a vida intrauterina, e por isso tão profunda. Nesse tipo de comunicação é difícil enganar os outros, pois expressa sem palavras, o que está presente em nossos sentimentos. (VIEIRA, BATISTA, LAPIERRE, 2013).

Na psicomotricidade relacional, o sujeito “diz” o que pensa e sente por meio de seus atos, participando com todas as suas dimensões representativas, onde estão presentes seus conteúdos biológicos, psicológicos, somáticos, vivenciais, históricos e sociais, possibilitando redimensionar suas relações e assim melhorar sua qualidade de vida nos diversos âmbitos, pessoal, familiar e social (VIEIRA; BATISTA; LAPIERRE, 2013).

3. Materiais e métodos

Foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, que segundo Gerhardt e Silveira (2009), preocupa-se com o aprofundamento de uma questão relacionada a um grupo, sem se ater a questões numéricas. Este tipo de pesquisa é utilizado quando se busca percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão. Quanto a metodologia, foi realizada uma pesquisa-ação, a qual, de acordo com Thiollent (1996) é uma pesquisa com base empírica, concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, e na qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema, estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A base para a construção da pesquisa foram as vivências realizadas durante o estágio em psicomotricidade relacional, desenvolvido como parte integrante da formação em psicomotricidade relacional, proposta pelo CIAR Centro Internacional de Análise Relacional, localizado na cidade de Curitiba-PR.

O estágio foi realizado em uma ONG, situada na região metropolitana de Curitiba. Participaram das sessões de psicomotricidade relacional, 10 crianças,

com faixa etária entre 9 e 11 anos. As sessões ocorreram no período de março a dezembro de 2019, totalizando 35 sessões, com frequência semanal e duração de 1h cada.

Para análise das sessões foram utilizados os vídeos coletados durante o período de estágio, os relatórios produzidos neste mesmo período, e a revisão bibliográfica pertinente ao tema.

4. Discussão e Resultados

As sessões de psicomotricidade relacional iniciaram-se em março de 2019. As crianças demonstraram interesse e ficaram animadas com a participação. Ao iniciarem, algumas demonstraram-se mais inibidas, preferindo brincar sozinhas, mais calmas, outras, já apresentavam mais facilidade para se envolver nas brincadeiras em grupo ou com o adulto, exploravam mais os materiais e espaço.

Entre o grupo, percebia-se divisões, entre meninos e meninas, entre outros pequenos grupos e duplas que se formavam, o brincar junto, em grupo, ainda não lhes era possível.

Já num primeiro momento, foi possível perceber que os conteúdos mais expressos pelas crianças estavam relacionados a uma demanda afetiva, e a agressividade. Esta agressividade era direcionada aos outros colegas, com brincadeiras que chegavam, por vezes, ao nível de violência, saindo do jogo simbólico, como também, direcionada ao adulto. Este foi o conteúdo mais presente durante as primeiras sessões e num primeiro momento, muito intenso, pois permanecer no jogo simbólico ainda era um desafio.

A agressividade contra o adulto conforme expresso por Lapierre e Lapierre (2010), se dá devido ao fato de que o corpo do psicomotricista é o “objeto” mais importante. É o lugar de projeção de todas as fantasias da criança.

Símbolo de todas as angústias, de todos os seus medos, de todos seus desejos, objeto de ser amado e destruído, lugar de prazer e de segurança, de ser conquistado, objeto a ser possuído ou rejeitado.

Este comportamento, de agressividade contra o adulto, ficou bem claro na segunda sessão, onde duas crianças, sem ainda conseguir se manter à nível simbólico, agem com violência durante o jogo. Neste momento percebe-se que esta agressividade precisa ser canalizada de maneira positiva, simbólica, para que as crianças possam liberar as tensões existentes e ressignificar suas relações com o adulto, não o psicomotricista relacional, mas tudo que ele representa naquele espaço. Em relação ao ato violento, se fez necessário colocar limites, lembrar as regras de não machucar a si e aos outros, para que pudessem internalizar estes conceitos. Nas outras sessões as crianças continuaram a expressar conteúdos agressivos, mas cada vez mais, de maneira simbólica.

Em relação a demanda afetiva, algumas crianças expressavam-se de maneira mais direta, procurando pelo psicomotricista relacional, em brincadeiras mais regressivas, afetivas, ou descansar durante o relaxamento. Outras procuravam por materiais que lhes trouxessem a sensação do dentro, de ser contido, e outras ainda, por meio da agressividade, única maneira que conseguiam se expressar e demonstrar o desejo de ser visto.

Na sessão de jornais, algumas demandas afetivas puderam ser expressadas com mais liberdade, por meio da utilização do material. O jornal, por ser aconchegante, permite vivenciar situações de contenção, de calor, possibilita viver o dentro, o afetivo. Durante esta sessão as crianças viveram vários desses momentos, procurando ficar embaixo do jornal, acolhidas, contidas, ora jornal, ora pelo corpo do psicomotricista e pelo jornal. Ao final da sessão, ao formar-se um “ninho”, para que fosse possível descansar, algumas crianças foram se aconchegar junto ao corpo do adulto, e nesse momento de contenção, procuravam também se cobrir com o jornal, vivenciando um momento de afetividade profundo, sentindo-se acolhidas e contidas. Vivenciar esse momento repercutiu muito positivamente, pois nessa sessão, uma das crianças, que nunca havia conseguido se expressar verbalmente na conversa final, conseguiu falar ao grupo que tinha gostado muito da sessão, gostado de estar no colo do adulto e de se cobrir com o jornal.

Sobre a utilização do jornal durante as sessões, Vieira, Batista e Lapierre

(2013), apontam que este, por ser aconchegante, provoca sensações de calor e de contenção, auxilia na liberação do movimento e das tensões.

Conseguir se expressar, frente ao grupo, foi muito importante para esta criança, sentir-se aceita e ouvida pelos colegas e pelo adulto, lhe permitiu sentir mais segurança para vivenciar seus desejos.

Um outro momento significativo durante as sessões, aconteceu quando uma criança que apresentava muita dificuldade para se aproximar do grupo e do adulto, utilizou uma caixa, no relaxamento, para conter-se, entrou na caixa, encolheu-se, e após alguns momentos começou a chorar. Para esta criança, não era possível expressar sua demanda diretamente ao adulto, mas por meio dos materiais pode demonstrar seu desejo, assim, o adulto, ao decodificar a demanda, pode acolhê-la, fazendo-se continente afetivo. A criança, aos poucos foi se permitindo transferir a relação do material para o corpo do adulto, vivenciando um momento profundo de afetividade. O uso de caixas nas sessões, é carregado de conteúdos simbólicos, estes, ligados à sensação de proteção, segurança, evocando vivências regressivas, geralmente, ligadas à figura materna, ao entrar e encolher-se, a criança normalmente expressa um pedido de maternagem, um desejo de ser cuidada (VIEIRA, BATISTA E LAPIERRE, 2013).

Outras crianças, por não se sentirem seguras para demonstrar sua demanda afetiva diretamente, procuravam apenas relações de agressividade. A agressividade, segundo Lapierre e Aucouturier (2012), pode ser interpretada como uma demanda de relação, e para algumas crianças, é o único modo de entrar nessa relação. Cabe ao psicomotricista relacional aceitar essa situação, e a partir daí fazer com esse relação evolua, transportando-a para o nível simbólico, onde pode ser aceita e vivida sem culpa.

Estas tensões agressivas precisam ser vivenciadas para que a criança possa afirmar-se, encontrar o seu desejo, encontrando um lugar de equilíbrio nessa relação com a figura do adulto, um lugar que não é o de submissão cega e nem de oposição sistemática, é um lugar de diálogo entre seus próprios desejos e o desejo do outro. Para isso o psicomotricista precisa ser muito receptivo para responder a essa demanda, viver a emoção, envolver-se profundamente no nível afetivo nessa relação com a criança por meio do jogo

simbólico (LAPIERRE E LAPIERRE, 2010).

Ao vivenciarem sua agressividade, liberarem suas tensões, compreender que o adulto ali presente não representava uma ameaça aos seus desejos e a sua autonomia, essas crianças começaram a se permitir expressar seus desejos afetivos sem medo de perder-se nessa relação. Se permitiram uma aproximação corporal, se permitiram relaxar. O caminho foi, naturalmente, diferente para cada criança. Para uns, viver os momentos afetivos era mais fácil, para outros mais demorado, mas durante os percurso, mesmo as crianças mais distantes, foram aos poucos se permitindo vivenciar esse momento de reencontro com a afetividade.

Segundo Lapierre e Lapierre (2010), vivenciar essa situação afetiva constitui uma forma de regressão, de reviver uma etapa anterior, que pode ter sido mal superada. Para algumas crianças esses são apenas momentos prazerosos, de bem estar, de segurança, mas para outras é realmente uma regressão fusional. O psicomotricista relacional deve responder plenamente a demanda afetiva da criança, até que ela se dilua, esteja satisfeita, pois quando a criança se sente liberta dessa necessidade, fica mais disponível para outras relações e para ser mais autônoma.

No decorrer das sessões, as crianças foram interiorizando que o *setting* da psicomotricidade relacional, era um espaço de segurança, onde podiam descarregar sua tensões, expressar suas demandas de agressividade, afetividades, sem receber um olhar de julgamento ou culpabilização. Por meio do jogo simbólico, neste espaço que puderem aprender a confiar, as crianças foram se permitindo expressar suas questões afetivas e relacionais.

As crianças que participaram das sessões, vivem uma realidade que por vezes as priva de recursos materiais básicos e em alguns casos, também de afeto, cuidado, olhar, assim, apresentam grandes demandas relacionais. Estas demandas puderam, aos poucos, ir sendo ouvidas e respondidas pelo psicomotricista relacional. Nas sessões finais do estágio, pode-se perceber que as demandas ainda existiam, porém, ficou evidente como a aceitação, escuta e resposta ao que as crianças tinham a dizer corporalmente, foi significativo e possibilitou uma modificação pessoal, e conseqüentemente, em relação ao grupo, as parcerias foram se estabelecendo, momentos de afetividade

começaram a ocorrer com maior frequência entre eles, momentos onde um cuidava do outro, e as construções e os jogos simbólicos foram tomando um lugar importante nas sessões.

No início das sessões o brincar em grupo, o partilhar, enxergar e contribuir com o outro era algo que não ocorria, as brincadeiras entre si ficavam em torno da agressividade, do ataque, da provocação. O grupo era dividido, principalmente entre meninos e meninas, e estas relações foram apresentando evolução significativa.

Ao brincar com os tecidos, material muito rico em possibilidades, como afirmam Vieira, Batista e Lapierre (2013), que suscita muitas brincadeiras de construção e de fantasia, as crianças construíram casas, cabanas, acolhendo um ao outro, estruturando uma “casa” onde podiam se sentir bem, onde podiam expressar seus desejos, onde podiam acolher, mas também permanecer sozinhos quando desejado, uma casa onde se podia entrar, mas também onde se podia sair, acolher e também ser acolhido.

Em uma outra sessão, com cordas, já ao final do estágio, também ficou muito clara a mudança no grupo. As crianças brincaram juntas, fizeram construções, ajudaram uns aos outros, meninas e meninos encontraram maneiras de brincar juntos, se relacionar. Nestas sessões, brincaram com a agressividade, mas simbolicamente, muito diferente das relações encontradas no início.

Lapierre e Aucouturier (2012), afirmam que o domínio da agressividade permite uma evolução na questão social, pois, o “fazer de conta”, nos leva a encontrar os limites da tolerância do outro. Uma tolerância física, para não machucar os parceiros, e uma tolerância afetiva, de entender a si e ao outro.

No *setting* da psicomotricidade relacional, por meio do brincar e do jogo simbólico, as crianças puderam ressignificar relações, encontrar segurança, sentiram-se vistos e existindo para o outro, essas vivências contribuíram para fortalecer seu desejo de SER, e assim foram descobrindo novos caminhos, mais prazerosos, para se relacionar com os outros.

5. Considerações Finais

Este artigo se propôs a analisar quais benefícios as sessões de

psicomotricidade relacional poderiam proporcionar para crianças que vivem em situação de vulnerabilidade social, entendendo que neste contexto, as famílias apresentam maior risco de fragilização dos vínculos afetivos e familiares, bem como prejuízos quanto a autoestima e valorização própria, áreas diretamente ligadas ao aspecto afetivo e relacional.

Durante as vivências no *setting* da psicomotricidade relacional observou-se que foi possível para as crianças expressar seus sentimentos de angústia, medo, inseguranças e também desejos. Por ser um espaço livre de culpabilização, possibilita-se o acesso e a expressão de conteúdos inconscientes, pois, por meio da comunicação corporal, linguagem mais arcaica do indivíduo, permite acessar a estrutura do ser à nível mais profundo, segundo Lapierre e Aucouturier (1984). Por meio do brincar, linguagem habitual da infância, as crianças puderam liberar suas tensões e expressar o que não conseguiriam com palavras. Assim, livres de alguns conflitos, foi possível encontrar um espaço para olhar para si, e conseqüentemente para o outro, promovendo melhorias a nível relacional.

O psicomotricista relacional, por meio da disponibilidade corporal e da decodificação simbólica pôde ouvir e responder às demandas das crianças, fazendo com que elas se sentissem vistas, importantes para o outro, e acolhidas dentro de suas necessidades relacionais. Por meio do corpo do psicomotricista relacional, como substituto simbólico, puderam ressignificar algumas relações afetivas, contribuindo para que aos poucos pudessem reforçar sua identidade e agir com mais autonomia em relação aos seus desejos.

Este processo contribuiu também, para o fortalecimento da auto estima, aspecto este, que muitas vezes, em situações de vulnerabilidade social, acaba sendo prejudicado e afeta a maneira como o sujeito se relaciona com os seus desejos e com as pessoas que convive.

Para algumas crianças não era possível manifestar suas demandas diretamente ao psicomotricista relacional, porém, por meio da decodificação simbólica, onde se observa o movimento dos participantes em relação ao meio, aos objetos e aos outros, o psicomotricista relacional pode ouvir e responder as demandas latentes, o que aos poucos, permitiu a estas crianças integrar o

setting da psicomotricidade relacional como um espaço de segurança, onde podiam

expressar seus conflitos relacionais. Assim, libertos de algumas angústias, com um olhar ressignificado sobre si e sobre as relações, foi possível estabelecer novos contatos com o grupo, mais saudáveis.

Ressignificar as relações sociais, encontrar novas maneiras de se relacionar é essencial para a vida em sociedade, este novo olhar pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida nos diversos contextos em que a criança está inserida, seja ele familiar, escolar ou outros.

A agressividade, muito presente durante as sessões, pôde aos poucos, ir sendo ressignificada, a violência foi dando lugar à expressão simbólica, os desentendimentos foram caminhando para um lugar de acordo, de troca entre o grupo, as crianças encontraram novos meios de se relacionar, mas positivos e colaborativos.

Ao final das sessões, foi perceptível como as crianças já conseguiam buscar outras formas de relação. O olhar para o outro estava mais aberto, o grupo estava mais fortalecido. Conforme esse processo foi se construindo, o grupo passou a compartilhar mais, construir juntos novas brincadeiras e a colaborar um com o outro.

Este olhar sobre si e sobre as relações permite à criança olhar para sua realidade com novas perspectivas, onde ela se vê como capaz, como um sujeito valorizado, que pode ter voz para se expressar e gerar uma transformação.

A psicomotricidade relacional, dentro de um contexto de vulnerabilidade social, não pretende apresentar-se como a resolução de todos os males, pois sabe-se que são inúmeras as questões referentes a desigualdade social que mantém as famílias nesta situação, porém, acredita-se que, por meio das vivências, neste espaço onde é possível ser quem se é e expressar-se em toda sua inteireza, até mesmo no que nos é inconsciente, as crianças têm a possibilidade de se fortalecer emocionalmente, de reconhecer-se enquanto sujeito, fortalecendo sua identidade e possibilitando um desenvolvimento mais saudável. Ao proporcionar um espaço de legitimação dos desejos e dos sentimentos, permite ao indivíduo mostrar-se em sua inteireza, potencializando

o desenvolvimento global, a aprendizagem, o equilíbrio da personalidade, assim, facilitando as relações afetivas e sociais (VIEIRA, BATISTA E LAPIERRE, 2013).

Referências

BOMTEMPO, Edda; CONCEICAO, Mírian Ribeiro. Infância e contextos de vulnerabilidade social - A atividade lúdica como recurso de intervenção nos cuidados em saúde. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 34, n. 87, p. 490-509, dez. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2014000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 abril 2020.

CARMO, Michelly Eustáquia do; GUIZARDI, Francini Lube. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cadernos de Saúde Pública**, [s.l.], v. 34, n. 3, p. 1-14, 26 mar. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00101417>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v34n3/1678-4464-csp-34-03-e00101417>. Acesso em: 20 abr. 2020.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2009. 120 p. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 01 maio 2020.

GUERRA, Ana Elizabeth Luz. **Psicomotricidade Relacional e a psicopedagogia**. Curitiba: Positivo, 2014. 145 p.

LAPIERRE, André; AUCOUTURIER, Bernard. **Fantasmas corporais e prática psicomotora em educação e terapia: A falta no corpo**. São Paulo: Manole, 1984. 139 p.

LAPIERRE, André; LAPIERRE, Anne. **O adulto diante da criança de 0 a 3 anos: psicomotricidade relacional e formação da personalidade**. Curitiba: UFPR, 2010. 165 p.

LAPIERRE, André; AUCOUTURIER, Bernard. **A simbologia do movimento: Psicomotricidade e educação**. 4. ed. Fortaleza: Rds, 2012.

MARTINS, Daniele Comin. Estatuto da Criança e do Adolescente e a política de atendimento a partir de uma perspectiva sociojurídica. **Revista de Iniciação Científica da Fcc**, Marília, v. 4, n. 1, p. 63-77, maio 2004. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/viewFile/71/73>. Acesso em: 15 abr. 2020.

PEREIRA, Sandra Eni Fernandes Nunes. **Crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade social**: Articulação de redes em situação de abandono ou afastamento do convívio familiar. 2016. Disponível em: <http://acolhimentoemrede.org.br/site/wp-content/uploads/2016/08/Artigo_sobre-a-REDE.pdf>. Acesso em: 26 out. 2019.

SILVA, Aline Juliana Nunes da; COSTA, Rafaela Rocha da; NASCIMENTO, Arles Monaliza Rodrigues. As implicações dos contextos de vulnerabilidade social no desenvolvimento infantojuvenil: da família à assistência social.

Pesqui. prá. psicossociais, São João del-Rei , v. 14, n. 2, p. 1-17, jun. 2019 Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082019000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 maio 2020.

SCOTT, Juliano Beck; PROLA, Caroline de Abreu; SIQUEIRA, Aline Cardoso; PEREIRA, Caroline Rubin Rossato. O conceito de vulnerabilidade social no âmbito da psicologia no Brasil: uma revisão sistemática da literatura. : uma revisão sistemática da literatura. **Psicologia em Revista**, [s.l.], v. 24, n. 2, p. 600-615, 21 dez. 2018. Pontificia Universidade Católica de Minas Gerais. <http://dx.doi.org/10.5752/p.1678-9563.2018v24n2p600-615>.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

VIEIRA, Leopoldo; BATISTA, Maria Isabel Bellaguarda; LAPIERRE, Anne. **Psicomotricidade Relacional**: A teoria de uma prática. 3. ed. Fortaleza - Ceará: Rds, 2013.